

Estranhamento (*Entfremdung*) e infamiliar (*Unheimliche*): reverberações entre a clínica psicanalítica das psicoses e a literatura

*Fabiano Chagas Rabêlo**

*Reginaldo Rodrigues Dias***

*Karla Patrícia Holanda Martins****

*Caciana Linhares Pereira*****

Resumo

Defende-se que não há, nas psicoses, a manifestação do infamiliar (*Unheimliche*), somente de outros processos limítrofes, como o estranhamento (*Entfremdung*) e o duplo. Discute-se o infamiliar na metapsicologia psicanalítica, ressaltando-se a sua relação com a constituição da realidade e do Eu. Resgata-se a contribuição de Tausk sobre o aparelho de influenciar para contrastá-la com a indicação de Jentsch de que o uso do tema da loucura na literatura constitui um meio privilegiado para desencadear a vivência do infamiliar no leitor. Apresenta-se então o infamiliar como um mecanismo presente nas neuroses de regulação de um automatismo mental mais radical e arcaico.

Palavras-chave: INFAMILIAR; ESTRANHAMENTO, DUPLO, PSICOSE; LITERATURA

Strangeness (*Entfremdung*) and uncanny (*Unheimliche*): reverberations between the psychoanalytic clinic of psychosis and the literature

Abstract

It is argued that in psychoses there is no manifestation of the uncanny (*Unheimliche*), but only of other borderline processes, such as estrangement (*Entfremdung*) and double. The description of the *Unheimliche* is discussed, highlighting its relationship with the constitution of reality and the Self. Tausk's contribution on the apparatus of influence is rescued to contrast it with Jentsch's indication that the use of the theme of madness in literature is a privileged means to trigger the experience of the uncanny in the reader. This is then presented as a neurotic mechanism for regulating a more radical and archaic mental automatism.

* Professor da UFDFPar - Universidade Federal do Delta do Parnaíba. Doutor em Psicologia pela UFC - Universidade Federal do Ceará. Psicanalista.

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0001-5026-8396>

E-mail: fabrabelo@gmail.com

** Professor da UFDFPar - Universidade Federal do Delta do Parnaíba. Doutorando em Psicologia pela UFC - Universidade Federal do Ceará. Psicanalista.

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0001-8515-0793>

E-mail: regydyas@hotmail.com

*** Psicanalista. Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Professora nos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia da UFC

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-3242-6287>

E-mail: kphm@uol.com.br

****Doutora em Educação Brasileira pela UFC. Professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Psicanalista

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-0008-506X>

E-mail: cacianalinhaires@gmail.com

Keywords: UNCANNY; STRANGENESS; DOUBLE; PSYCHOSIS; LITERATURE

Alejamiento (*Entfremdung*) y ominoso (*Unheimliche*): reverberaciones entre la clínica psicoanalítica de las psicosis y la literatura

Resumen

Se argumenta que en las psicosis no hay manifestación del ominoso (*Unheimliche*), sino solo de otros procesos limítrofes, como el alejamiento (*Entfremdung*) y el doble. Se destaca la relación del ominoso con la constitución de la realidad y del Yo para entoces rescatar la contribución de Tausk en el aparato de influencia y la indicación de Jentsch de que el uso del tema de la locura en la literatura constituye un medio privilegiado para desencadenar la experiencia de lo ominoso en el lector. Se presenta este como un mecanismo neurótico que regula uno automatismo mental más radical y arcaico.

Palabras clave: OMINOSO; ALEJAMIENTO; DOBLE; PSICOSIS; LITERATURA

Introdução

Este texto explora as conexões entre a concepção do infamiliar, *Das Unheimliche* (Freud, 1919/1997h), e a pesquisa psicanalítica em torno das psicoses. Defende-se que o surgimento da primeira dificilmente teria ocorrido sem o suporte da última. Para sustentar essa afirmação, desenvolve-se a seguinte hipótese: não há nas psicoses a manifestação do *Unheimliche* em sentido estrito, mas somente de outros processos psíquicos limítrofes, como o sentimento de estranhamento (*Entfremdung*) (Tausk, 1919/1983c) e a experiência do duplo (Freud, 1919/1997h, Rank, 1914).

Defende-se que, para a caracterização da vivência do infamiliar, é necessário um movimento de rearranjo narcísico, que, nas neuroses, se deixa apreender pela concatenação de três momentos lógicos: de atualização, desvanecimento e restituição do Eu. Propõe-se que esse ciclo permanece em aberto nas psicoses, uma vez que a etapa final não se efetiva, resultando no prolongamento de uma vivência de dessubjetivação, associada a um estado crônico de angústia. Tal conjuntura necessita então ser suplementada por outros mecanismos psíquicos, como, por exemplo, o delírio, a passagem ao ato ou a prática de algum ofício criativo (Soler, 2007), que corroboram o estabelecimento de uma modalidade singular de estabilização. Desse modo, a investigação dos processos de desencadeamento das crises nas psicoses e dos arranjos que levam à sua contenção remete à experiência do infamiliar, na condição de seu contraponto no campo da neurose.

Sabe-se que o *Unheimliche* não poderia ocorrer sem o recalque (*Verdrängung*), mas que esse sentimento não se deixa explicar como uma modalidade convencional do retorno do recalçado, tal como o sintoma e o ato falho (Freud, 1919/1997h). Apesar dessa tese ter sido formulada por Freud, a leitura dos seus textos das décadas de 1920 e 1930, no entanto, mostra que ele não deu prosseguimento à investigação desse problema. Assim, não há na obra freudiana uma discussão metapsicológica que localize o *Unheimliche* em relação a outros fenômenos psíquicos que comportam variações na regulação do Eu.

Do exposto, este trabalho se propõe avançar na elaboração de uma concepção mais precisa do fenômeno do infamiliar por meio de um estudo comparado entre a sua estrutura e a dinâmica de irrupção e contenção das crises nas psicoses. Os argumentos estão organizados em dois blocos. A primeira parte situa alguns problemas metapsicológicos relacionados à explicação das psicoses no percurso de Freud. O

destaque é dado à constituição da realidade, à delimitação das fronteiras psíquicas, ao narcisismo e à gênese do Eu.

O segundo bloco comenta a definição de Tausk (1919/1983c) sobre o aparelho de influenciar nas esquizofrenias e a abordagem de Rank (1914) sobre do duplo. Essas duas contribuições são apontadas como estratégicas para a fundamentação da concepção do infamiliar. Defende-se que a proposta de Tausk constitui um desenvolvimento original e inédito de uma questão já levantada por Jentsch (1906), que sublinhou como as manifestações psíquicas mais disruptivas de psicóticos frequentemente desencadeiam o sentimento do infamiliar em quem as testemunha. Sustenta-se daí que a irrupção desse sentimento constitui uma defesa contra o risco de autonomização e fragmentação dos processos de significação psíquica que a situação de crise nas psicoses evoca. Tendo em vista o vínculo que Jentsch (1906) e Freud (1919/1997h) reconhecem entre o infamiliar e a criação literária, comentam-se então alguns textos da literatura fantástica do séc. XIX que se ocuparam da temática da loucura.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa clínica, qualitativa, bibliográfica, de caráter ensaístico e interdisciplinar, que explora a interlocução entre psicanálise e literatura. Parte-se da premissa de que a investigação em rede dos conceitos metapsicológicos constitui uma estratégia mais favorável ao avanço da psicanálise do que o estudo atomizado de uma determinada categoria (Mezan, 2013). A partir daí, valoriza-se a investigação clínica acerca das psicoses como um elemento fundamental para o esclarecimento da dinâmica psíquica do infamiliar nas neuroses. Além dos textos de Freud, Rank, Tausk e Jentsch, são citados livros de psicanalistas que se ocuparam do tema da psicose: Lacan, Lambotte, Maleval, Rabinovitch, Soler e Quinet. Realizou-se ainda uma busca por artigos indexados na plataforma SCIELO e PEPSIC que abordam os temas da psicose e do infamiliar (Unheimliche). Faz-se ainda referência a escritores literários citados por Freud (1919/1997h) e Rank (1914) que exploraram a temática da loucura, como é o caso de Maupassant, Hoffmann e Dostoiévski.

As psicoses e as fronteiras do aparelho psíquico

Para explicar os sentimentos de desrealização e dessubjetivação que participam da vivência do infamiliar, faz-se necessário indagar as bases metapsicológicas da constituição do psiquismo. Deve-se ter em vista que, na psicanálise, o delineamento das fronteiras psíquicas não é um dom inato. Trata-se do resultado de um complexo processo que se desenvolve nos primeiros meses de existência e que é atualizado durante toda a vida (Freud, 1911/1997b).

Vale lembrar que a dinâmica do infamiliar (Freud, 1919/1997h) pressupõe a transformação da representação de um elemento inicialmente tomado por cotidiano, confiável e conhecido em algo estranho, ameaçador e angustiante. O que está em jogo, nessa experiência, não é a emergência de um elemento exógeno e inédito, mas a mobilização de uma conjuntura psíquica que se encontrava até então em estado latente, cuja manifestação desestabiliza temporariamente a distinção entre o intra e o extrapsíquico, que logo em seguida é restaurada.

O tema da psicose se conecta historicamente com essa discussão. Antes mesmo do advento da psicanálise no final do século XIX, os psiquiatras contemporâneos de Freud

sustentavam que um traço distintivo das paranoias delirantes, dos estados confusionais alucinatórios e das demências precoces, posteriormente denominadas esquizofrenia, é a perda da realidade (Quinet, 2006). A psicanálise se insere nesse debate, tomando a medicina de seu tempo como interlocutor, mas agregando à pesquisa clínica a referência à hipótese do Inconsciente (Freud, 1915/1997e).

Tal subversão exigiu um extenso e moroso trabalho de investigação metapsicológica, que resultou inicialmente na adoção de uma posição de reserva quanto à intervenção psicanalítica com psicóticos. Essa atitude, contudo, não fez sustar os esforços para a construção de um modelo explicativo que contemplasse os processos psíquicos em voga nesses quadros clínicos. Com efeito, percebe-se que Freud dedicou-se à investigação das psicoses desde os seus primeiros rascunhos clínicos (Simanke, 2004), vinculando-a a alguns temas nodais da metapsicologia.

Uma primeira tentativa de explicação dos processos de constituição da realidade e do Eu já está presente no texto *Entwurf einer Psychologie*, traduzido como *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1895/1962b). Freud o redige ao mesmo tempo que buscava estabelecer os fundamentos para um diagnóstico diferencial entre as chamadas neuropsicoses de defesa e outras afecções clínicas, como os quadros de paranoia e melancolia, o que se pode constatar nos rascunhos G e H, anexados à carta endereçada a Fliess em 29 de agosto de 1894 (Freud, 1962a).

Utilizando-se de uma linguagem neurológica que lhe serve de suporte para a construção de um modelo topológico (Garcia-Roza, 2008), Freud (1895/1962b) busca explicar o funcionamento do psiquismo a partir de um fluxo de energia que é modulado pela relação entre três sistemas, cada qual com estruturas e funções distintas: os neurônios da percepção (*phi*), dotados de barreira de contato não modificáveis; os neurônios com barreira de contatos maleáveis (*psi*), capazes de suportar trilhamentos (*Bahnungen*) produzidos pelo trânsito das quantidades energéticas; e os neurônios da consciência (*teta*), desprovidos de barreira de contato.

Nesse momento, o Eu é descrito como uma rede de neurônios modificados por trilhamentos, que possui uma parte variável, sujeita a oscilações, e outra mais estável e duradoura. Sua função é: 1) regular a energia produzida pelo próprio organismo; 2) integrar as intensidades provenientes do mundo exterior, que chegam filtradas pelos neurônios da percepção; 3) realizar as condições necessárias para o funcionamento da consciência, que consiste na transformação das informações quantitativas em qualitativas por meio do refreamento do fluxo de energia e da transposição da energia livre em ligada; 4) constituir a partir daí as operações da atenção, pensamento e julgamento.

Dessas premissas, Freud deduz um princípio de funcionamento geral do psiquismo, que denomina processo primário. Trata-se da tendência em manter no limite mínimo a tensão interna no psiquismo. Tem-se então que o aumento de tensão gera desprazer, enquanto a sua descarga produz prazer.

Deduz-se daí que o princípio do prazer constitui uma barreira contra uma tendência mais radical do psiquismo, que visa à erradicação de toda e qualquer tensão e, conseqüentemente, da vida - o princípio da inércia -, haja vista que a ausência total de tensão resulta na morte. Daí, ao mesmo tempo em que o princípio do prazer representa uma proteção contra a morte, ele está condenado a se aproximar cada vez mais desse ponto zero de tensão vetorizado pelo princípio da inércia, que representa a promessa de realização de um prazer absoluto.

Em termos práticos, tal risco manifesta-se como uma tendência fundamental de repetição alucinatória dos traços de memória de uma primeira experiência de satisfação. Assim, logo nos primeiros meses de vida, tal tendência deve ser refreada e direcionada para um objeto exterior. Por conseguinte, uma etapa necessária no curso do

desenvolvimento do aparelho psíquico é a transformação do princípio do prazer em princípio da realidade (Freud, 1895/1962b), que pressupõe a passagem do estado de energia livre para ligada. Tal mudança acontece por meio de uma mediação linguageira, que favorece a captura das quantidades energéticas em um circuito homeostático orientado para a ação específica, isto é, suportado por um traço de memória preexistente de uma experiência de satisfação, que é então pareado à percepção atual de um objeto exterior.

Curiosamente, essa leitura genética do Eu como uma instância psíquica desaparece na obra de Freud por mais de uma década. Vale lembrar que o *Projeto* só foi publicado após a morte a de seu autor e sem a sua autorização (Gay, 1988).

Nos *Estudos sobre histeria*, cuja redação é contemporânea ao *Projeto*, Freud (Breuer & Freud, 1895/1996) fala apenas de um sistema Eu-consciência, “*Ichbewusstsein*” (p. 141; 187), responsável pelo mecanismo do recalque, cuja função é o exercício de uma regulação psíquica. Freud não agrega, no entanto, a essa explicação uma descrição de sua origem e desenvolvimento. Ele se limita a afirmar que todo conteúdo que destoa do funcionamento do sistema Eu-consciência tende a ser desinvestido e segregado do circuito associativo que ele articula. O resultado é a constituição de um núcleo paralelo, caracterizado por um funcionamento energético mais livre - isto é: vinculado de forma mais frouxa às palavras - que tende a se engajar em vias de trilhamentos diferentes daquelas privilegiadas pelo sistema Eu-consciência. Esse núcleo, denominado Inconsciente, é apresentado como a base da formação dos sintomas histéricos e obsessivos.

Nesse texto, Freud (Breuer & Freud, 1895/1996) relata diversos casos de alucinações e delírios neuróticos, deixando claro que tais fenômenos não são exclusivos das psicoses. A partir dessa constatação, surge a necessidade de explicar como a dinâmica das alucinações e dos delírios diferem nos dois casos. É possível inferir então que a mediação representada pelo sistema Eu-consciência opera uma moderação dessa tendência alucinatória mais fundamental e arcaica do psiquismo, cujos efeitos são notados de forma mais premente e imediata nas psicoses. É curioso notar como numa nota de rodapé de 1985 ao caso Emmy, que foi em seguida atualizada em 1924, isto é, quase 30 anos depois, Freud informa o desencadeamento de um quadro de esquizofrenia (demência precoce) em uma paciente inicialmente diagnosticada como histérica, cuja história clínica à época dos atendimentos ele considerava nebulosa e incompleta. Deduz-se daí que o diagnóstico diferencial entre neurose e psicose não é uma tarefa simples e que a ideia corrente na psiquiatria de que a perda da realidade constitui um critério confiável para uma distinção nesse sentido deve ser relativizada.

A ideia de que existem semelhanças nos modos de organização psíquica da neurose e da psicose, mas também diferenças, que devem ser levadas em consideração no estabelecimento de uma direção de tratamento específica, norteia a pesquisa freudiana a partir de então. Assim, o interesse pelas psicoses é mantido como uma questão de fundo ao tratamento das neuroses, que se firma como tema principal do interesse das pesquisas psicanalíticas nos anos seguintes à publicação dos *Estudos sobre histeria*.

Nesse período que abrange o final da segunda metade da década de 1890 e a primeira década do século seguinte, Freud (1905/1997a) estabelece as bases do que ficou conhecido como o seu primeiro dualismo pulsional, que consiste na oposição entre as pulsões do Eu, orientadas à preservação do indivíduo, e as pulsões sexuais, mais maleáveis, cuja meta é a preservação da espécie. Para ele, aquelas estão para a fome assim como estas, para a libido. Freud conclui que a psicanálise deve ater-se ao estudo dos destinos da pulsão sexual (Freud, 1905/1997a) e ao tratamento das neuroses.

O retorno às psicoses como tema principal de pesquisa acontece em boa parte em

função da interlocução com os psicanalistas da primeira geração, como Jung, Ferenczi, Abraham e Tausk (Gay, 1988) e associa-se diretamente ao abandono gradativo desse primeiro dualismo pulsional. Dessa forma, a construção do conceito de narcisismo, do qual a definição do infamiliar deriva, está fortemente enredada nos debates clínicos sobre as psicoses (Freud, 1911/1997c, 1914/1997d).

Sabe-se que a teoria psicanalítica do narcisismo foi gestada como uma réplica às críticas de Jung, que acusava Freud de supervalorizar o papel da sexualidade na etiologia das neuroses e de negligenciar a participação das pulsões do Eu (Freud, 1914/1997d). As psicoses aparecem então como uma linha de pesquisa que lança luz sobre a organização do Eu, vindo a mostrar que ele é uma instância psíquica, cuja estrutura não é nem dessexualizada, nem unitária, tampouco inata. Com isso, Freud e seus colaboradores põem em evidência algumas discrepâncias bastante significativas entre os quadros neuróticos e psicóticos que remetem ao funcionamento da linguagem e à dinâmica psíquica do Eu (Freud, 1914/1997d, 1915/1997f). Tais descobertas culminam no resgate de algumas hipóteses já esboçadas desde o *Projeto* e que não tiveram prosseguimento, como uma descrição genética do Eu.

Sugere-se que, a partir de então, a fórmula que preconizava a existência de uma relação espelhada em negativo entre perversão e neurose (Freud, 1905/1997a) passa a ser utilizada como modelo para a investigação das manifestações psíquicas nas neuroses e psicoses. Aqui, no entanto, os operadores clínicos são outros: se, naquele momento, o que está em questão é a permanência modificada de elementos polimorfos não genitais nas fases mais avançadas do desenvolvimento psicosexual; agora, a ênfase recai no processo de integração do Eu e na relação entre fantasia e realidade (Freud, 1914/1997d, 1915/1997f).

Por isso, em paralelo ao estudo sobre a autobiografia de Schreber (Freud, 1911/1997c), que é o seu primeiro texto dedicado prioritariamente ao tema da psicose desde os rascunhos anexados às cartas a Fliess, Freud (1911/1997b) retoma o esboço da explicação de como a realidade e o Eu são constituídos nos primeiros meses de vida. Tal modelo é corrigido e enriquecido nos anos seguintes, culminando na formulação da segunda tópica (Freud, 1923/1997i).

Dessa forma, em *Considerações sobre os dois processos do funcionamento psíquico* (Freud, 1911/1997b), é possível encontrar pela primeira vez na obra freudiana desde a escrita do *Projeto* uma descrição da formação do Eu a partir das vicissitudes da pulsão sexual. Isto é, o Eu não é mais tratado como uma instância inata associada a uma tendência de autopreservação supostamente dessexualizada (Freud, 1905/1997a), mas como resultado de uma ação psíquica complexa, composta por fases distintas e que está aberta para diferentes desfechos.

No artigo acima citado, Freud (1911/1997b) pressupõe a existência prévia de um Eu prazer (“*Lust-Ich*”) (p. 23), regido exclusivamente por uma economia libidinal autoeurótica, que se transforma em um Eu real (“*Real-Ich*”) (p. 23). Tal passagem implica em uma abertura para a alteridade e no desenvolvimento do interesse por aquilo que se apresenta como exterior ao psiquismo, o que franqueia a transformação do processo primário em secundário. Doravante, algumas áreas do psiquismo onde até então o princípio do prazer vigorava soberano passam a funcionar também conforme o princípio da realidade. Ele insiste no fato de que a relação entre os dois princípios não é, a priori, de oposição, mas de continuidade. Logo, o processo primário não desaparece, apenas sofre uma limitação.

Alguns anos depois, Freud (1915/1997f) propõe uma alteração dessa descrição. Defende que, no início do desenvolvimento, em vez de um Eu prazer, como fora postulado, existe um Eu real (“*Real-Ich*”) (p. 98), que já é capaz de distinguir um exterior

e um interior, mas que canaliza todo o seu interesse para os processos intrapsíquicos de forma autoerótica. Posteriormente, esse estado de coisas é modificado: todo conteúdo interno que é percebido como desprazível é ejetado (“*ausstossen*”) (p. 98), tornando-se um elemento estranho (“*fremd*”) (p. 98). Por outro lado, os objetos do mundo que desencadeiam vivências prazerosas são incorporados (“*einverleiben*”) (p. 99) ou introjetados (“*Introjiert*”) (p. 98) ao Eu. O resultado é a formação de um Eu prazer purificado (“*purifiziertes Lust-Ich*”) (p. 98), no qual as vivências prazerosas estão integradas à sua estrutura e as desprazíveis aparecem como estranhas e ameaçadoras.

É razoável deduzir daí que as informações fornecidas pelos órgãos sensoriais é condição necessária, mas não suficiente para o delineamento dos limites do Eu. É preciso que essa percepção sensorial seja não apenas enriquecida, mas também, de certa maneira, subvertida pela linguagem e a mediação de um outro. Por isso, o Eu prazer é apresentado como uma etapa mais avançada do processo de constituição psíquica, no sentido de que ele proporciona uma estratégia de regulação mais estável e segura. A ação psíquica inédita representada pelo narcisismo (Freud, 1914/1997d) constitui, portanto, esse momento de transição do Eu real para o Eu prazer (Freud, 1915/1997f), sendo o primeiro estágio mais vulnerável ao princípio da inércia do que o segundo.

A rigor, é possível afirmar que nesse primeiro momento ainda não há um Eu constituído. Essa etapa seria correlata ao narcisismo primário (Freud, 1914/1997d), quando o Eu existe apenas como uma estrutura potencial, que, para ser efetivada, necessita do investimento dos pais, que tomam a criança como depositário de seus próprios ideais narcísicos. Com o advento do narcisismo propriamente dito, o secundário, esses ideais são introjetados e passam a participar como um elemento estratégico de regulação da economia psíquica.

Conclui-se então que o Eu não é uma mônada associal. A mediação de uma instância alteritária é fundamental para a sua gênese e para a transformação do funcionamento pulsional de autoerótico para objetal. Esse processo está, em alguma medida, comprometido em sujeitos psicóticos, que necessitam desenvolver outras maneiras alternativas de regulação e de endereçamento ao outro.

Essa questão é retomada dez anos depois da escrita do texto sobre o narcisismo. Em um mesmo ano, Freud (1924/1997j, 1924/1997l) publica dois pequenos textos sobre as psicoses. Vale destacar que um importante trabalho metapsicológico separa a escrita desses textos: *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924/1997k). Inicialmente Freud avaliza a posição tradicionalmente defendida pela psiquiatria: que o diferencial dos quadros psicóticos é a perda da realidade (1924/1997j). Em comparação com a neurose, cuja marca principal é o sacrifício de uma parcela da realidade interna - de uma restrição do Isso (*Es*), portanto - o diferencial das psicoses está no sacrifício da realidade externa. Freud conjectura a existência de um processo de transformação ou deformação do Eu como correlato dessa experiência de perda da realidade.

Após enunciar o problema nesses termos, Freud (1924/1997l) se corrige e reformula sua explicação. Segundo ele, há uma perda da realidade exterior tanto nas neuroses como nas psicoses, que é seguida de uma tentativa de recuperação. O desafio que se coloca a partir daí é situar em cada caso o modo como a realidade é perdida e, então, restituída por uma via sempre particular. A resposta que é dada nesse momento é a seguinte: na neurose, a perda da realidade é parcial, seletiva e secundária. Ela é efeito do retorno do recalçado e pode ser descrita como uma tentativa de fuga após uma aceitação inicial de sua existência. Nas psicoses, o sacrifício da realidade é mais amplo e radical. Freud aproxima essa operação de negação psicótica da realidade ao desmentido (*Verleugnung*), que ele descreve com mais minúcia três anos depois, em 1927, ao abordar o processo de constituição do fetiche (Freud, 1927/1997n).

Apesar de não apresentar uma teoria acabada sobre a etiologia das psicoses, Freud avança significativamente na formulação dos fundamentos lógicos desse problema, o que certamente inspirou Lacan (1955-56/2002) na sua proposta de elevar a “*Verwerfung*”, tal como ela é empregada no caso do homem dos lobos (Freud, 1918/1997g, p. 194), à categoria de mecanismo de formação das psicoses. Lacan sugere traduzir essa palavra, que possui um amplo uso coloquial no alemão no sentido de repúdio, por forclusão ou preclusão, expressão oriunda do campo jurídico. Assim, a *Verwerfung* passa a designar a não eficiência de uma operação simbólica, a inscrição do significante nome-do-pai. Resulta daí um modo diferenciado de operar com a linguagem, que impacta diretamente na forma como o sujeito representa o seu próprio corpo e a realidade externa.

A leitura lacaniana de Freud permite identificar a especificidade da relação do psicótico com a linguagem como uma questão de fundo implícita no texto *Die Verneinung* (Freud, 1925/1997m). Nele, a negativa é apresentada como uma operação que se desdobra no plano da Consciência e que pressupõe um momento anterior de afirmação mais fundamental, inconsciente, da existência daquilo que é negado. Tal operação de afirmação chama-se *Bejahung*, palavra alemã cujo radical é o *Ja*, o *sim*, em contraposição ao *Nein*, o *não*, presente na *Verneinung*. Tem-se então um juízo de existência mais basal como condição prévia necessária para a realização de um juízo de qualidade ou atribuição.

Freud correlaciona a *Bejahung* à operação de ejeção ou expulsão, *Ausstossung*, já mencionada no texto sobre as pulsões. Tal fato permite situá-la como parte do processo de purificação do Eu real em Eu prazer. Aproximando-se o princípio da inércia do *Projeto* (Freud, 1963/1895b) ao masoquismo primário (Freud, 1924/1997k), cuja definição se encontra em *O problema econômico do masoquismo*, é possível dizer que a afirmação primordial constitui uma modulação de um automatismo psíquico mais radical relativo à pulsão de morte. A ausência dessa modulação é sentida nas psicoses na forma de um negativismo (Quinet, 2006, Tausk, 1919/1983c), cuja expressão mais extrema se encontra na síndrome de Cottard (Douville & Kupferberg, 2007, Quinet, 2006), na qual o próprio corpo não é reconhecido como parte integrante do psiquismo.

Propõe-se então contrapor esse negativismo das psicoses ao infamiliar, que é tratado aqui como uma modalidade pontual de defesa nas neuroses contra a manifestação residual de uma expressão não modulada dessa forma mais radical de automatismo mental. Para desenvolver essa tese, comenta-se a ideia de aparelho de influenciar (Tausk, 1919/1983c) à luz da abordagem de Jentsch (1906) sobre o infamiliar.

O estranhamento nas psicoses

Antes de comentar o texto de Tausk, é importante lembrar que alguns autores correlacionam o seu nome ao conceito do infamiliar em função das circunstâncias de sua morte, por suicídio, que aconteceu no mesmo ano da publicação do ensaio sobre o *Unheimliche*, e de sua relação conturbada com Freud (Alt, 2016, Roazoen, 1973). Daí a inferência de que a confecção da concepção do infamiliar teria sido motivada por esse acontecimento.

Aqui se adota outra perspectiva. Admite-se como mais provável que a morte de Tausk tenha contribuído para a retomada do rascunho de *Das Unheimliche*, que Freud já teria iniciado anos antes (Gay, 1988). Além disso, sustenta-se que é possível encontrar importantes conexões entre a obra de Tausk e o ensaio sobre o infamiliar. Defende-se que a descrição do sentimento do infamiliar pode ter sido delineada a partir do contraste com o fenômeno do estranhamento (*Entfremdung*) nas psicoses. Por isso, o texto sobre o aparelho de influenciar na esquizofrenia (Tausk, 1919/1983c), publicado no mesmo ano

do falecimento de seu autor, poder ser lido como um suplemento à definição do *Unheimliche*.

Propõe-se então que a sensação de estranhamento abordada por Tausk, que antecede a eclosão de um período de crise em psicóticos, caracteriza-se como uma experiência análoga, em sentido invertido, ao sentimento do infamiliar nas neuroses. Enquanto, no primeiro, há o desenvolvimento contínuo e desinibido de uma tendência que se encontrava, até então, em estado latente; no segundo, tal tendência é suprimida tão logo se manifesta, ocasionando uma sensação fugaz de desvanecimento.

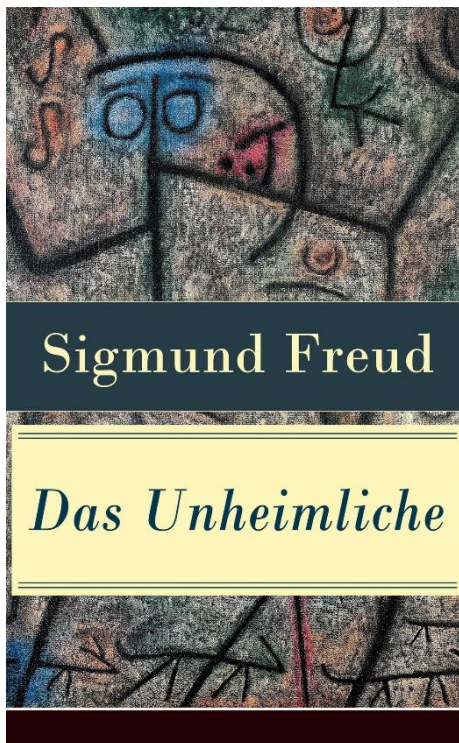
Dessa forma, pode-se falar do estranhamento como um fenômeno psíquico que está presente tanto na neurose como na psicose, ainda que se pondere que o desenvolvimento desse sentimento difira sensivelmente nos dois casos. Por outro lado, talvez não seja apropriado sustentar a incidência do infamiliar em sujeitos psicóticos, pois a dinâmica desse sentimento pressupõe a mediação de uma organização narcísica que está ausente nesse último caso.

Sugere-se então que o infamiliar é uma resposta neurótica que visa conter, dentro de uma conjuntura psíquica específica, o desenvolvimento de um automatismo mental mais radical e arcaico. Os delírios e outras produções subjetivas dos sujeitos psicóticos exercem uma função análoga, mas possuem um mecanismo e uma cronologia diferenciados (Marini & Martinez, 2019).

A correlação entre o infamiliar e as psicoses já havia sido sugerida por Jentsch no artigo comentado por Freud (1919/1997h). Para Jentsch (1906), o estudo da dinâmica do infamiliar é mais acessível na literatura do que na vida real, onde sua apreensão é seletiva, restrita a um grupo de pessoas. Além disso, segundo o autor, a descrição posterior desse fenômeno por meio da introspecção é perpassada por um forte componente subjetivo, o que dificulta uma apreciação científica. Por esses motivos, a literatura desponta como um território privilegiado para o estudo dessa questão, na medida em que alguns textos literários são deliberadamente construídos para desencadear no leitor tal sentimento. De acordo com o psiquiatra alemão, dentre os temas mais frequentes na literatura para evocar a experiência do infamiliar se destaca a loucura. Não é gratuito, portanto, que tanto Freud como Jentsch tenham se dedicado ao comentário do conto de Hoffmann (1817/2015) para interrogar a estrutura do infamiliar.

Com efeito, mesmo ponderando que psicose e loucura não se recobrem, é lícito perguntar de que modo a descrição dos processos psíquicos manifestos na loucura servem para modular o sentimento do infamiliar no leitor. Em outras palavras: como a descrição das manifestações psíquicas de psicóticos, que possuem uma forte carga de sofrimento, evoca em quem lê uma reação de estranhamento análoga a que esses sujeitos experimentam, só que dessa vez temperada e atenuada, servindo de suporte a uma experiência de fruição estética.

Nessa perspectiva, vale a pena pôr em relevo o trabalho de Tausk (1919/1983c) sobre o aparelho de influenciar nas esquizofrenias, que dialoga de perto com as histórias de Hoffmann, ainda que não as cite explicitamente. Diferentemente de Jentsch (1906),



que, a partir da leitura do conto *O Homem de Areia*, situa no cerne da experiência do infamiliar a dúvida sobre se um determinado corpo está vivo ou morto, Tausk (1919/1983c) nos dá a possibilidade de colocar o problema em outros termos. A leitura de seu texto ao lado do ensaio de Freud de 1919 autoriza o entendimento de que talvez não seja o desconhecimento ou a dúvida o motivo para a irrupção do sentimento do infamiliar, mas o despertar por um breve momento de um automatismo psíquico até então contido e regulado.

Freud (1919/1997h), a partir do comentário do conto de Hoffmann, insiste no fato de que o elemento que serve de base para a irrupção desse sentimento, via de regra, costuma ser algo corriqueiro, cotidiano, já conhecido, que adquire em um dado momento uma aura ameaçadora e misteriosa. Nas suas palavras, trata-se de um processo pelo qual algo que deveria permanecer recalçado vem a luz por meio de uma regressão a uma fase mais arcaica do desenvolvimento do Eu.

Sugere-se então que essa dinâmica pode ser descrita como uma falha pontual na regulação de um automatismo psíquico, que se manifesta na forma de um sentimento de despersonalização e desrealização. Tal falha, tão logo irrompe, é corrigida e assimilada à gramática das fases posteriores do desenvolvimento do Eu, de onde resulta uma percepção furtiva da apreensão de algo essencial e inefável que se esvai. Daí a dificuldade, apontada por Jentsch (1906), de obter dados objetivos e precisos sobre essa experiência por meio da introspecção.

No referido conto de Hoffmann (1817/2015), o automatismo - que nas neuroses, está na base do sentimento do infamiliar e, nas psicoses, conforme a indicação de Tausk (1919/1983c), enseja a construção da máquina de influenciar - pode ser situado no enamoramento do protagonista, Nathanael, com a boneca Olímpia. Por essa via, uma tendência psíquica interna do personagem principal encontra apoio em um aparato exterior, representado pela boneca-robô, com quem Nathanael passa a se relacionar como se fosse um ser dotado de vontade e desejos próprios. No momento em que ele testemunha o desmonte do autômato - a retirada do olho de vidro pelo mecânico que até então considerava ser o pai da moça -, esse arranjo se desfaz, desencadeando a crise que leva ao desfecho da história. Assim, enquanto acompanha a escalada da experiência de desamparo de Nathanael até o seu ápice mortífero, vendo desmoronar os diques que ele criou para a preservação de uma homeostase psíquica, o leitor vivencia o sentimento do infamiliar como uma forma contida e modulada do estranhamento do qual, na sua imaginação, o protagonista padece.

Logo, é importante tomar o par *Entfremdung* (Estranhamento) - *Unheimliche* (Infamiliar) não como sinônimos, mas como fenômenos correlatos, mas diferenciados, cada qual dotado de uma dinâmica própria. Uma vez aceito esse argumento, talvez fique mais clara a razão pela qual *O aparelho de influenciar na esquizofrenia*, de Tausk (1919/1983c) pode ser qualificado como um texto precursor da concepção freudiana do Infamiliar, ao lado dos trabalhos de Hoffmann, Jentsch, Schelling e Rank, que são explicitamente citados por Freud (Freud, 1919/1997h, Rabêlo, Martins & Sträter, 2019).

É importante destacar que, antes de escrever esse texto, Tausk esteve intensamente envolvido com as questões metapsicológicas discutidas no tópico anterior. Buscando articular filosofia e psicanálise, ele questiona a gênese da percepção e do julgamento, correlacionando a investigação desses processos a uma crítica de uma suposta unidade do Eu e da consciência (Tausk, 1909/1983a). Anos depois, ele volta a abordar o problema da gênese do Eu na teoria psicanalítica, dessa vez questionando a sua vinculação a uma tendência inata de autopreservação e o seu caráter supostamente dessexualizado (Tausk, 1912/1983b).

A partir da observação da cronologia dos encontros reportados nas atas da

sociedade de Viena (Nunberg & Federn, 2008), constata-se que Tausk foi um dos principais interlocutores de Freud na discussão sobre o narcisismo no período que antecede a primeira guerra mundial. Destaca-se que a conferência de Freud de junho de 1914 proferida sobre esse tema foi antecedida e sucedida por duas apresentações de Tausk sobre o mesmo assunto, em janeiro e dezembro do mesmo ano, respectivamente.

De todo modo, é pertinente destacar algumas diferenças entre as concepções de Freud e Tausk acerca do narcisismo, ainda que se reconheça que elas convergem em vários pontos essenciais. Os dois autores desdobram o narcisismo em duas fases: um momento inicial, que Freud (1914/1997d) denomina primário e que Tausk (1919/1983c) qualifica como “inato” (“angeborene”) e “constitucional” (“mitgebracht”) (p. 269); e uma segunda etapa, caracterizada como narcisismo secundário por Freud (1914/1997d) e referida por Tausk (1919/1983c) como narcisismo “adquirido” (“erworbene”) (p. 269).

Há aqui uma sutileza que merece ser comentada. Embora Freud (1914/1997d) não desconsidere a importância dos fatores inatos na gênese do narcisismo em seus momentos iniciais, a sua abordagem dos fatores constitucionais que participam desse processo extrapola os limites daquilo do que se entende por congênito. Freud, diferentemente de Tausk, já inclui nessa etapa a influência simbólica e alteritária exercida pela projeção dos ideais narcísicos dos pais, antes mesmo da aquisição da linguagem pela criança. Dessa forma, ainda que não se possa falar da existência de um Eu propriamente já constituído nessa etapa inicial, o seu lugar está, de alguma maneira, esquadrihado, como uma virtualidade ou estrutura já suposta, localizada e endereçada.

Esse detalhe é importante pois o desenvolvimento do narcisismo realiza uma espécie de enodamento desses elementos heterogêneos que estão, a princípio, dissociados: o corpo, a linguagem, o outro e a realidade exterior. Daí os problemas que se colocam a partir das falhas da gênese do Eu, que remetem à significação do corpo próprio e ao reconhecimento e integração dos processos cognitivos, afetivos e volitivos.

Entremeada à discussão sobre o narcisismo, percebe-se que o tema da psicose ganha força e evidência na obra dos dois psicanalistas. Daí a citação que Freud (1915/1997e) faz da apresentação de um caso clínico de Tausk para ilustrar a peculiaridade do pensamento psicótico, no qual uma expressão idiomática de uso corrente não é entendida em seu sentido metafórico sancionado coletivamente, mas de forma literal, em um contexto autorreferente.

A menção que Tausk (1919/1983c) faz ao sentimento de estranhamento na gênese da máquina de influenciar na esquizofrenia ajuda a esclarecer o que está em jogo na dinâmica do infamiliar nas neuroses. Para o autor, o estranhamento (*Entfremdung*) constitui uma defesa menos elaborada e eficaz contra um automatismo psíquico, que se deixa perceber nos fenômenos elementares nas psicoses. Ele se caracteriza como uma sensação de perplexidade diante da percepção de que algo essencial, de extrema relevância, está presentificado, mas que o sujeito não consegue situá-lo ou nomeá-lo. Tausk o qualifica como uma estratégia fadada ao fracasso, comparável a reação do avestruz que esconde a cabeça sob o solo para fugir da percepção de um perigo iminente.

Tal tendência ou, mais precisamente falando, esse automatismo, do qual o sentimento de estranhamento constitui uma defesa, é percebido inicialmente como uma alteração ou perturbação do próprio corpo, que preocupa e angústia o sujeito de uma forma bastante intensa, constituindo um estado hipocondríaco (Tausk, 1919/1983c). Não é raro, portanto, encontrar da parte de sujeitos psicóticos relatos de órgãos e membros que parecem possuir vida própria, com se lê na autobiografia de Schreber (Freud, 1911/1997c).

De uma perspectiva lacaniana (Lacan, 1959/1998), dito em uma linguagem freudiana (Freud, 1924/1997l, 1925/1997m), o processo acima descrito constitui uma

tentativa de expulsão (*Ausstossung*) de um conteúdo psíquico que não se beneficiou do lastro simbólico de uma afirmação primordial (*Bejahung*) que lhe permitisse a inscrição na cadeia significante. Em função disso, tal conteúdo retorna no real, como um fenômeno exterior desintegrado do psiquismo. Estabelece-se daí uma compulsão à projeção (Freud, 1911/1997c), do qual o estranhamento é a expressão mais próxima e fidedigna. Por isso, o oximoro proposto por Rabinovitch (2001) para designar o modo de organização psíquica do psicótico: presos do lado de fora. Tal fórmula indica que o psiquismo do sujeito psicótico não está estruturado de modo fechado, como no neurótico. Por isso, ele é acossado do exterior pelos seus próprios processos mentais que não são reconhecidos como tais.

Também decorre dessa explicação a justificação da expressão proposta por Soler (2007): consciente a céu aberto. Isto quer dizer que, enquanto na neurose os conflitos surgem em decorrência de um desacordo entre o Eu e os processos psíquicos internos que são atestados como tais e, por isso, são suprimidos; nas psicoses, a não afirmação primordial desses processos condiciona a sua aparição do exterior, como um elemento estranho ao psiquismo.

Tais considerações ajudam a entender por que Tausk (1919/1983c) insiste no fato de que o estranhamento como estratégia de defesa nas psicoses possui uma eficácia apenas aparente, superficial e imediata. No longo, médio ou mesmo curto prazo, ela não é capaz de conter a escalada da angústia ou de produzir uma homeostase psíquica. Daí a necessidade de que ele seja substituído ou complementado por outras respostas mais refinadas e eficazes, como no caso das construções delirantes. A máquina de influenciar, segundo Tausk (1919/1983c), constitui uma fase intermediária entre o estranhamento e a sistematização de uma ideia delirante.

Inferre-se daí que o estranhamento descrito por Tausk (1919/1983c) pode ser tomado como um processo análogo ao momento lógico que Maleval (1998) localiza no início do desenvolvimento dos sistemas delirantes nas paranoias (P0). Com efeito, o estranhamento nas psicoses constitui uma expressão do retorno do foracluído no tecido simbólico que precede a irrupção da crise. O desenvolvimento dessa tendência pode ser posteriormente contido e modulado por outras produções psíquicas do psicótico, como nas já citadas construções delirantes, mas também nas criações artísticas, nas atividades intelectuais e de manufatura ou, nos casos mais extremos, na passagem ao ato, a exemplo do assassinato perpetrado pelas irmãs Pappin (Soler, 2007).

Nesse ponto, é interessante frisar a transmutação que o sentimento de estranhamento sofre após a sua metabolização em um aparelhamento delirante. A incerteza radical acerca de si, dos outros e do mundo, que é a característica principal dos momentos iniciais de irrupção da crise, converte-se em uma certeza inabalável acerca da veracidade das construções delirantes. Daí que as ideias delirantes não sejam retificáveis pela via da argumentação, pois não há um esteio simbólico nos moldes da estrutura neurótica que permita uma dialetização ou uma alternância de pontos de vista. O que se mostra inicialmente como um buraco de sentido assume em um segundo momento a forma de uma significação rígida e pouco maleável. Por isso, a fórmula cunhada pelos psiquiatras do século XIX e, posteriormente, ratificado por Freud (1911/1997c): o paranoico ama o seu delírio como a si mesmo.

Outro fenômeno que está intimamente relacionado aos sentimentos de estranhamento e do infamiliar é a experiência do duplo. A clínica demonstra que as manifestações do duplo estão sinergicamente correlacionadas à dinâmica do narcisismo, abarcando um amplo leque de modulações que vão desde as experiências cotidianas mais corriqueiras, como a reação pouco amistosa narrada por Freud (1919/1997h) diante de seu próprio reflexo no trem, até situações carregadas de uma forte tensão psíquica, como

a retratada no filme *O cisne negro* (Arenovsky, 2011). Assim como o sentimento do estranhamento, a experiência do duplo assume contornos diferentes nas neuroses psicoses.

Sabendo que esse é um tema recorrente na literatura, comenta-se a seguir duas indicações de Rank (1914) de textos ficcionais que exploram manifestações do duplo nas psicoses para discutir a partir deles a relação desse fenômeno com o sentimento de estranhamento. A primeira dessas referências é novela de Dostoievski (1846/2013), *O duplo*. Seu enredo segue a crescente do processo de organização de um sistema delirante, no qual o duplo torna-se o perseguidor e rival, tomando o lugar do protagonista em diferentes situações. O interessante dessa história é o momento de desencadeamento da crise, situado em uma situação corriqueira, aparentemente banal, mas que exige do protagonista a coordenação de pontos de vista diferentes. Ao ser reconhecido em uma situação embaraçosa por um subordinado no trabalho, ele diz ser outra pessoa e desconhecer o nome pelo qual fora identificado.

Essa situação pode ser tomada como análoga ao pensamento de Schreber destacado por Freud (1911/1997c) no momento que precede a sua primeira crise: como seria bom ser uma mulher no momento do coito. No caso do personagem de Dostoievski, a questão em jogo pode ser traduzida da seguinte forma: como seria bom ser outra pessoa que não eu mesmo. Tal ideia faz o personagem acreditar que, em diversas circunstâncias do cotidiano, um outro Eu impostor estaria tomando o seu lugar. A partir daí, ele não se reconhece mais como agente no relato que as outras pessoas fazem sobre suas ações.

No conto de Maupassant (1886-87/2015), a segunda referência a ser comentada, a manifestação do duplo comparece de uma forma mais sutil, mas nem por isso menos sensível e dramática. O problema está em uma falha na imagem do espelho, uma espécie de vapor que faz a percepção de seu reflexo parecer borrada. Tal fato, associado a sensação de que sua energia vital está se esvaindo, leva o personagem a acreditar que um parasita invisível está sugando as suas forças. Retroativamente, o protagonista lembra de ter visto um barco de bandeira brasileira chegando no porto da cidade, levando-o a conclusão de que a criatura teria vindo nessa embarcação. Uma sequência de pequenos episódios do cotidiano que o personagem descreve de forma detalhada em seu diário pessoal reforçam a crença na existência desse ser. A linguagem documental, minuciosa, precisa e coordenada desses relatos contrasta com o caráter bizarro e extraordinário de suas conclusões e convicções.

Sugere-se que, nos dois casos, as manifestações do fenômeno do duplo representam uma forma de tratamento de um automatismo mental que não foi integrado pelo Eu e que persiste como resto, retornando do exterior. Em ambas as situações, a tensão do sujeito com o seu duplo é desencadeada por um sentimento brusco e agudo de estranhamento e perplexidade. É coerente pensar que nessas situações o duplo constitui o desenvolvimento da máquina de influenciar descrita por Tausk (1919/1983c): enquanto no duplo o processo psíquico automatizado é personificada em um outro Eu, que aparece do exterior, dissociado do sujeito; na máquina de influenciar esse automatismo é abrigado em um aparato anônimo, cujo funcionamento aparenta ser autônomo e independente.

Supondo que uma situação semelhante às descritas nas duas histórias acontecesse com um neurótico, talvez o desfecho fosse outro: eventualmente, a irrupção do sentimento do infamiliar, que pressupõe uma dialetização entre o dentro e o fora. Sugere-se que a dinâmica desse fenômeno pode ser representada como um processo análogo a uma válvula de escape que permite a liberação de uma carga de tensão para que um determinado nível de homeostase seja mantido. No caso, o equilíbrio dos processos narcísicos que metabolizam a pulsão. Na ausência desse recurso, os psicóticos se engajam no desenvolvimento de outras alternativas, que, em muitos casos, logram um grau de

estabilização bastante satisfatório.

Conclusão

Ressaltou-se neste trabalho a existência de uma intensa sinergia entre três linhas de investigação da metapsicologia psicanalítica: as psicoses, o narcisismo e o infamiliar (*Unheimliche*). Defendeu-se que a ideia de um Eu fragmentado, incompleto, em incessante processo de reconstrução, que é fundamental para a confecção do conceito de infamiliar, foi delineada a partir da investigação clínica das psicoses. Destacou-se que, embora tenham sido apontadas de forma precoce, já na pré-história da psicanálise, os fundamentos dessa concepção de narcisismo não teve desenvolvimento imediato, uma vez que as questões relacionadas à clínica da psicose só voltaram a ser explorados de forma sistemática na década de 1910, em grande parte por influência dos psicanalistas da primeira geração, como é o caso de Jung, Ferenczi, Abraham, Rank e Tausk (Gay, 1988).

Localizou-se no debate em torno do narcisismo uma complexa e interessante discussão sobre a gênese das fronteiras do psiquismo, que anos depois vem embasar a definição de *Unheimliche*. Foi proposto que a ideia de estranhamento (*Entfremdung*) presente no texto de Tausk (1919/1983c) sobre o aparelho de influenciar na esquizofrenia constitui um contraponto importante para a confecção da concepção de infamiliar. O estranhamento, em Tausk, é uma estratégia de defesa contra o retorno de um elemento que já fora anteriormente alijado do psiquismo. Assim, após sofrer os efeitos de uma operação de expulsão (*Ausstossung*), esse conteúdo se apresenta novamente do exterior, como um elemento da realidade.

Assim, o estranhamento é uma operação que está presente tanto neurose como na psicose e que remete a uma fase mais arcaica do desenvolvimento do Eu, denominada por Freud (1914/1997d) narcisismo primário. A diferença crucial na modulação desse mecanismo em cada caso está, a nosso ver, na forma como ele se articula a uma rede representacional e da forma como o psiquismo dialetiza a relação entre o intra e o extrapsíquico. Dessa forma, a falta de suporte de uma *Bejahung*, uma afirmação primordial prévia, sobretudo a que possibilita a inscrição do nome do pai, impossibilita o reconhecimento como representação de uma percepção que se apresenta do exterior.

A partir desse argumento, sugeriu-se que talvez não seja possível falar do *Unheimliche* nas psicoses. Pondera-se que um acréscimo na duração do abalo da prova de realidade (Freud, 1911/1997b) para além de um determinado limite, sem que haja uma restituição narcísica, pode descaracterizar o sentimento do infamiliar, que é entendido como um mecanismo de dialetização e atualização das fronteiras do psiquismo. Por meio dele, um elemento estranho (*fremd*) pode se tornar familiar (*heimlich*) e um elemento cotidiano e corriqueiro pode-se apresentar na sua face mais obscura e inusitada.

O infamiliar, vale salientar, é fenomenologicamente vivenciado como um sentimento de perplexidade, desrealização e dessubjetivação que logo se esvai, sendo seguido por uma percepção difusa de dúvida e incerteza. Nos estranhamentos, a perplexidade é o elemento principal e, eventualmente, pode escalonar para um estado de angústia intensa, crônica ou aguda.

Nas psicoses, parece vigorar a tendência de que a situação progrida nessa direção, caso o agravamento do sentimento de estranhamento não seja complementado por um arranjo psíquico de estabilização, a exemplo de um sistema ideativo delirante, cuja função é integrar o conteúdo estranho a uma estrutura simbólica. Assim, chamou-se atenção para o fato de que, enquanto o sentimento do infamiliar ocorre de forma evanescente e pontual, sendo ele atravessado pela dúvida, nas psicoses a perplexidade inicial é mais persistente,

sendo ela posteriormente substituída por uma certeza quase inabalável concernente às ideias delirantes.

Deve-se ponderar, por conseguinte, que a manifestação das produções subjetivas do psicótico pode incitar em quem os escutam o sentimento de estranhamento e, eventualmente, o desenvolvimento de um estado de angústia. A partir daí, é comum que os cuidadores e terapeutas respondam a essa situação intervindo no sentido da retificação da realidade do paciente a partir de suas próprias balizas. Trata-se de uma reação frequente, por vezes intuitiva, mas que pode ter consequências nefastas. Tal procedimento pedagógico frequentemente acaba por ensejar a desautorização da fala desses sujeitos psicóticos e o estreitamento das vias disponíveis de elaboração do conflito, culminando no acirramento do sofrimento e no agravamento das situações de crise. Daí a importância de se familiarizar com esse estranho irreduzível presente no tratamento de psicóticos (Brepohl & Darriba, 2013), estratégia essa que pode ser encontrada em inúmeros textos literários, sobretudo os fantásticos.

Referências:

Alt, P.-A. (2016). *Sigmund Freud: Der Arzt der Moderne*. München: A. G. Beck Verlag.

Aronofsky, D. (Dir.). (2011). *The black swan* [DVD]. Los Angeles (EUA): 20th Century Fox.

Brepohl, D. D., & Darriba, V. (2013). Um estranho irreduzível no saber freudiano sobre as psicoses. *Tempo Psicanalítico*, 45(1), 75–89. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100006. Acesso em 31 jul. 2020

Breuer, J.; & Freud, S. (1996). *Studien über Hysterie*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Originalmente publicado em 1895)

Dostoiévski, F. (2013). *O Duplo*. São Paulo: Editora 34. (Originalmente publicado em 1846).

Douville, O. (2007). O delírio de negação de Cotard a Ségla. *Psic. Clín.* 19 (1), 187-200. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000100013>.

Freud, S. (1962a). *Aus den Anfängen der Psychoanalyse* (1887-1902): Briefe an Wilhelm Fliess (297-384). Frankfurt a. M.: S. Fischer.

Freud, S. (1962b). Entwurf einer Psychologie. In S. Freud, *Aus den Anfängen der Psychoanalyse* (1887-1902): Briefe an Wilhelm Fliess (p. 297-384). Frankfurt a. M.: S. Fischer. (Originalmente publicado em 1895)

Freud, S. (1997a) Drei Abhandlung zur Sexualität. In S. Freud, *Studienausgabe*, Vol. III. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 1997. (Originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (1997b) Formulierung über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. III (p. 13-24). Frankfurt a. M.: S. Fischer. (Originalmente publicado em 1911).

Freud, S. (1997c) Psychanalytische Bemerkungen über einen Autobiographisch Beschriebenen Fall von Paranoia. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. VII. Frankfurt a. M.: S. Fischer. (Originalmente Publicado em 1911).

Freud, S. (1997d). Zur Einführung des Narzissmus. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol: III (pp. 37-68). Frankfurt a. M.: S. Fischer (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1997e). Die Metapsychologische Schriften von 1915: Das Unbewusste. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. III (pp. 119-173). Frankfurt a. M.: S. Fischer (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1997f). Die Metapsychologische Schriften von 1915: Triebe und Triebesicksale. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. III (pp. 75-102). Frankfurt a. M.: S. Fischer (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1997g). Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. VIII (pp. 125-234). Frankfurt a. M.: S. Fischer (Trabalho original publicado em 1918).

Freud, S. (1997h) Das Unheimliche. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. IV (pp. 241-274). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1919).

Freud, S. (1997i). Das Ich und das Es. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. III (pp. 241-274). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1923).

Freud, S. (1997j). Neurose und Psychose. In S. Freud, *Studienausgabe*. vol. III (pp. 331-338). Frankfurt a. M.: S. Fischer. (Originalmente Publicado em 1924)

Freud, S. (1997k). Das Ökonomische Problem des Masochismus. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. III (pp. 339-354). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1924).

Freud, S. (1997l) Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. III (pp. 335-362). Frankfurt a. M.: S. Fischer. (Originalmente Publicado em 1924)

Freud, S. (1997m) Die Verneinung. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. III (pp. 371-378). Frankfurt a. M.: S. Fischer. (Originalmente Publicado em 1925)

Freud, S. (1997n). Fetischismus. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. III (pp. 379-388). Frankfurt a. M.: S. Fischer. (Originalmente Publicado em 1927)

Garcia-Roza, L. A. (2008); *Introdução à metapsicologia freudiana, vol. 1: sobre as afasias (1891) e O projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Gay, Peter. (1988) *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Hoffmann, E.T.A. (2015). Der Sandmann. In: E. T. A. Hoffmann, *Das Gesammelte Werke* (pp. 189-224). Colônia (ALE): Anaconda. (Originalmente publicado em 1817).

Lacan, J. (2002) *O seminário - livro 3: As psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan, *Escritos* (p. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. (Originalmente publicado em 1959)

Maleval, J.-C. (1998). *Lógica del delirio*. Barcelona: Ediciones del Serbal.

Marini, S.; & Martinez, V. C. V. (2019). O narcisismo e a relação com a alteridade nas psicoses sob os olhares de Freud, Tausk e Federn. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(2), 298–313. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n2p298>.

Maupassant, G. de. (2015). O Horla: primeira e segunda versão. In G. de Maupassant, *O Horla e outras histórias*. (pp. 72-118). Porto Alegre: L&PM. (Originalmente publicado em 1886-87)

Mezan, R. (2013). *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva.

Numberg, M., & Federn, E. (2008). *Protokolle der Wiener Psychoanalytischen Vereinigung: 1912 - 1918* (Vol. 4). Gießen: Psychosozial-Verlag.

Rabêlo, F. C., Martins, K. P. H., & Sträter, T. (2019). As referências literárias em “Das Unheimliche.” *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(3), 606–629. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n3p606.11>

Rabinovitch, S. (2001). *A forclusão: presos do lado de fora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.

Rank, O. (1914) Der Doppelgänger. *Imago: Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften*. 3(2), 97-164. Disponível em: <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/imago1914/0112>. Acesso em 20 jul. 2020.

Razoen, P. (1973). *Irmão animal: a história de Freud & Tausk*. São Paulo: Brasiliense.

Simanke, R. T. (2009). *A formação da teoria freudiana das psicoses*. São Paulo: Edições Loyola.

Soler, C. (2007). *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.

Tausk, V. (1983a). Protokoll: Erkenntnistheorie und Psychoanalyse. In: V. Tausk, *Gesammelte psychoanalytische und literarische Schriften* (p. 16-20). Viena; Berlim: Medusa. (Originalmente publicado em 1909).

Tausk, V. (1983b). Protokoll: Sexualität und Ich. In: V. Tausk, *Gesammelte psychoanalytische und literarische Schriften* (p. 62-63). Viena; Berlim: Medusa. (Originalmente publicado em 1912).

Tausk, V. (1983c). Über die Entstehung des “Beeinflussungsapparates” in der Schizophrenie. In: V. Tausk, *Gesammelte psychoanalytische und literarische Schriften* (p. 245-287). Viena; Berlim: Medusa. (Originalmente publicado em 1919).

Citação/Citation: Rabêlo, F. C.; Dias, R. R.; Martins, J. P. H.; Pereira, C. L. (2023) Estranhamento (*Entfremdung*) e infamiliar (*Unheimliche*): reverberações entre a clínica psicanalítica das psicoses e a literatura. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XV, no. 1.), pp. 28-44.

Recebido: agosto de 2020

Aprovado: março de 2022